



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

RENATO ANTÔNIO QUADROS DE SOUZA REQUIXA

(depoimento)

2001

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-27

Entrevistado: Renato Antônio Quadros de Souza Requixa

Nascimento: 06/06/1929

Local da entrevista: Residência do entrevistado – São Paulo/SP

Entrevistadores: Christianne Luce Gomes

Data da entrevista: 07/11/2001

Transcrição: Daniel Brauner

Conferência Fidelidade: Berenice Machado Rolim

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: (01 fita) 27/01-A e 27/01-B

Total de gravação: 43 minutos

Páginas Digitadas: 13

Catálogo: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 0971/2004/1

Nº da fita: 0971/2004/01

Observações: Entrevista realizada por Christianne Luce Gomes, durante a elaboração de sua tese de doutorado intitulada “Significados de recreação e lazer no Brasil: Reflexões a partir da análise de experiências institucionais no âmbito das políticas públicas (1926-1964)”, defendida em 2003 junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação – UFMG. Cedeu cópia da entrevista ao CEME em maio de 2003.

Os direitos autorais deste depoimento de cunho documental e histórico pertencem ao Centro de Memória do Esporte. É proibida a publicação no todo ou em parte. Permitida a citação desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

REQUIXA, Renato Antônio Quadros de Souza. *Renato Requixa. (depoimento, 2001)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2004.

Sumário

Trabalho no Serviço Social do Comércio (SESC) com início em 1953 como orientador social; envolvimento com a recreação; mudanças políticas no Brasil e seus reflexos nas décadas de 50 e 60; os estudos sobre lazer; a organização do primeiro congresso do lazer em São Paulo; a busca da desmistificação da palavra lazer; as diferenças entre lazer e recreação; criação do CELAZER (Centro de Estudos sobre Lazer); lazer para idosos.

C.G. - Bom dia, eu estou aqui com o doutor Renato Requixa, hoje é dia 07 de novembro de 2001, uma *linda* manhã de quarta-feira, nós estamos em São Paulo, no apartamento dele, e para mim é uma grande honra estar aqui batendo esse papo.

R.R. - Prazer, prazer.

C.G. - É uma grande satisfação mesmo! Para gente começar, eu queria que você dissesse completo, então, onde, quando você nasceu, a sua formação, e coisas mais...

R.R. - Certo. O meu nome completo... Eu, de um tempo assim, passei a usar só o comezinho mais curtinho, Renato Requixa, é um nome meio estranho, um sobrenome lusitano. Às vezes pensam que é espanhol, mas não é; é português com “x”. O meu nome todo é Renato Antônio Quadros de Souza Requixa. Eu nasci em Curitiba, Paraná em seis de seis de 29. E fiquei em Curitiba, vivi em Curitiba até os treze anos. Aí meus pais vieram para São Paulo e eu vim concluir os meus estudos aqui. Os meus estudos com os Maristas, tanto no Paraná, continuei aqui, com os Maristas em São Paulo e, terminado os estudos, eu fiz a faculdade de Direito. Eu estava assim muito entusiasmado com o Direito, e comecei a trabalhar no Serviço Social do Comércio, o SESC, quando então comecei a me envolver com a área de recreação.

C.G. - Isso foi quando, mais ou menos?

R.R. – Isso foi 1953. E o SESC era uma entidade relativamente recente, tinha sido criada em 46. E, representando na época, em 46, a preocupação das classes trabalhistas brasileiras. Tinha o problema da guerra, os movimentos sociais brasileiros neste momento... [palavra inaudível] Então as classes empresariais, a indústria representadas pelo Roberto Simonsen e o comércio representado mais pelos grandes comerciantes de São Paulo. Eles bolaram, assumiram uma responsabilidade social, para enfrentar toda uma problemática, que a gente sabe que estavam se apresentando, e bolaram estas entidades: o SESC¹, o SENAC², o SESI³ e o SENAI⁴. SESI e SENAI da indústria e SESC e SENAC do comércio. Sendo que

¹ Serviço Social do Comércio, criado em 13 de setembro de 1946.

² Serviço Nacional de Aprendizagem, criado em 10 de janeiro de 1946.

³ Serviço Social da Indústria, criado em 25 de junho de 1946.

⁴ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, criado em 22 de janeiro de 1942.

SENAC na área da aprendizagem comercial, SENAI na aprendizagem industrial, SESC e SENAI da área mais social. Mas essa área social era uma área assim mais voltada para a saúde, não para a recreação. Mais ligado pra saúde que era o que se falava na época. “O Brasil é um imenso hospital”, nem era um imenso hospital, era um país com inúmeras doenças e problemas de saúde, mas eles sentiram necessidade de um trabalho nessa linha. E o SESC, assim, ele até iniciou, com trabalhos sempre na linha da saúde pública, educadores sanitários, educadoras sanitárias, pegam a maternidade e, então, era mais na linha da saúde. E, mais envolvendo uma parte assim de servidores femininos, mulheres: enfermeiras, assistentes sociais, educadoras sanitárias. Mas na linha do social, aqui em São Paulo, o presidente do SESC na época, ele também começou a insistir que o SESC atuasse numa linha que despertasse os empregados do comércio para a defesa dos ideais de democracia no Brasil, contra os ideais socializantes que estavam emergindo com uma força tremenda. Então, para início, ele bolou e começou a contratar orientadores sociais e orientadoras sociais, que pudessem falar com os empregados, reunir os empregados do comércio, até reunidos em associações, para que eles se fortificassem. Então era a linha de trabalho dos orientadores sociais. E também trabalhavam... Eu trabalhei durante muito tempo no SESC junto aos sindicatos de empregados do comércio, da cidade de São Paulo. De modo que - é curioso isso - há muitos anos atrás, a preocupação com a posição dos empregadores, mas, ao mesmo tempo, uma preocupação deles para que os próprios empregados, individualmente, ou através das suas associações típicas, seus sindicatos de empregados também tivessem uma visão social grande do país, das possibilidades do país, do regime democrático que se fortalecia. Era ano de eleição, então o SESC que se iniciou, assim, mais na linha da assistência à saúde, começou a assumir as funções da linha eminentemente social, político-social. E se desenvolveu bastante essa linha, se desenvolveu bastante sendo que até a linha da saúde começou a diminuir, porque aí já começaram a aparecer do governo federal, do governo estadual, do municipal, uma linha assistencial da saúde, nos governos tanto federal, quanto estadual e municipal. Então o SESC começou a se afastar um pouco daquela área assistencial para se fixar mais na área social e política propriamente dita. Foi assim que a coisa começou.

C.G. - E, em 1953, já dava para ver essa mudança?

R.R. - Em 53 não dava para ver com muita clareza, mais ela já se anunciava bem, já se anunciava bem. E aí, esse grupo de orientadores sociais que foi muito prestigiado, que era importante na época, então trabalhou muito; trabalhou, assim, com vontade para a redemocratização do país, com Juscelino Kubitschek e essas coisas todas. O PSB⁵, que era o grande partido na época, o presidente do Brasil, ele era amigo do Juscelino, então, foi uma época muito gostosa, muito bonita e depois surgiu a famosa Revolução de 64.

C.G. - Só uma coisa, nesse período de 53 a 64, o quê você fazia no SESC?

R.R. - No SESC Bertioga⁶? De 53 a 64 eu, inicialmente, fui orientador social. Nós tínhamos uma colônia de férias do SESC- Bertioga, que foi a primeira colônia de férias que existiu para empregados, foi uma coisa inédita e muitos serviços até então mais exigidos nas classes mais favorecidas, o SESC insistia que fossem ofertas também para os trabalhadores. Essa foi uma linha assim de democracia cultural. Então, nós tínhamos essa linha, tínhamos essa linha de esclarecimento político também, de 53 até 64. Mas aí, também, ao mesmo tempo, uma grande movimentação política no Brasil todo, culminou com a Revolução de 64, depois com a renúncia do Jânio⁷, com o João Goulart, com a tentativa da República Sindicalista do Brasil e tenho a impressão que era muito forte o movimento de esquerda no momento, mas não que fosse forte a ponto de exigir uma revolução. Mas enfim, as classes militares reagiram, então, se deu a Revolução de 64. Aí, mesmo com os trabalhos que a gente realizava, eram trabalhos assim já em 62, 63, nós realizávamos um trabalho social interessantíssimo no SESC. Através das entidades sociais, era um serviço de orientação social. Então essas unidades eram importantes porque elas se dirigiam às cidades do interior do estado. Unidades móveis de orientação social. Então eram caminhões que a gente equipava muito bem com tudo, com projetores de cinema, na época eram projetores de cinema... Tudo muito bem bolado lá dentro da equipe de três orientadores sociais. Percorremos as cidades do interior, a gente era sempre apresentado [palavra inaudível] na Federação do Comércio do Estado de São Paulo, e a Federação do Comércio reúne... A Federação do Comércio é uma entidade patronal máxima do estado, e reúne os sindicatos patronais do comércio, das cidades todas do estado de São Paulo. Então

⁵ Partido Socialista Brasileiro

⁶ Cidade do interior de São Paulo.

⁷ Jânio Quadros.

nós íamos nas cidades que nós selecionávamos, cidades assim, nem tanto cidades pequenas: fomos à cidades médias, depois fomos às cidades menores, e sempre marcado pela a apresentação do presidente do sindicato local. O Sindicato do Comércio Varejista local. Então, esse presidente do sindicato nos abria as portas da cidade, Então aí não, eles tranqüilizavam, nos apoiavam e a gente desenvolvia trabalhos de educação física, também de artes e estudos sociais. Era muito interessante, uma coisa muito bem bolada. Nós levávamos filmes, filmes bons, filmes de arte, então as pessoas que se interessassem por arte, corriam, assistiam, os filmes depois eram estudados, debatidos, chamava uma atenção *extraordinária* nas cidades! Na linha esportiva, por exemplo, nós fazíamos, nós incentivávamos a comunidade a criar recursos para a prática de atividades de esportes, inclusive criando campos de esportes, quadras esportivas, tudo usando não só [palavra inaudível] e a população reagiu muito bem. Então foi um trabalho que nós até chamávamos de ação comunitária. As pessoas eram interessadas em assumir certos problemas que existiam na comunidade, ativados por nós, os orientadores sociais. Faziam com que as próprias lideranças públicas que surgiram, elas tomassem consciências dos problemas, às vezes até problemas menores, que elas próprias poderiam solucionar. Mas criamos tantas, tantas atividades esportivas, grupos de teatro amador, grupos de cinema, desenvolvemos o esporte com bastante força, atividades intelectuais, inúmeras coisas. Cine-clubes, então, era uma coisa *fantástica*! Então isso tudo foi muito importante, mas curiosamente, depois da Revolução de 64, nós sentimos que as autoridades locais começaram a nos temer, assim como se nós fôssemos, não uns animadores culturais, mas uns agitadores. E a coisa começou a ficar meio difícil pra nós. Tanto que, no último ano, nos estávamos atendendo umas duzentas cidades e então algumas autoridades chegaram a prender alguns orientadores sociais nossos, apesar de serem funcionários de uma entidade patronal. Você vê como a revolução foi forte naquele momento. Então, foi um trabalho que ficou nas cidades. Até hoje, há pessoas que se lembram desses trabalhos. Alguns anos atrás, eu depois fui superintendente da LBA⁸ em São Paulo, e aí eu estava interessado por outra coisa... Foi um trabalho com pessoas idosas, que começou no SESC e aí a LBA tinha recursos e eu consegui fazer, nós conseguimos fazer trinta e duas obras importantes, que foram centros de convivência de idosos, tudo em cidades do interior do estado. Numa dessas cidades, um deputado estadual falou em nome da cidade, falou e disse que ele começou a se interessar por política e começou a se desenvolver como líder quando

⁸ Legião Brasileira de Assistência.

participou dos trabalhos das unidades móveis de orientação social do SESC. Veja que coisa curiosa. Às vezes são desenvolvimentos e resultados inesperados, *fantásticos*! Depois que ele falou, ele saiu, eu me lembrei de tudo o que fiz dentro da história das unidades móveis. E depois, mesmo em 64, um assistente meu pediu uma licença do SESC e foi para Suécia fazer um trabalho, um estudo sobre sociologia do trabalho, que na época era o maior. Mas ele sempre lembrava que tinha muita experiência mais nessa área de recreação. Então ele me mandou de lá um livro, aliás uma revista de sociologia onde havia um artigo do Joffre Dumazedier sobre o lazer, a importância do lazer. Quando eu li aquilo eu disse, ai meu Deus, era aquilo que a gente estava fazendo, é aquela história do – mais eu faço prosa – e nós fazemos lazer e nem usamos a palavra para explicar as atividades recreativas, esportivas, culturais. Mas a palavra não era usada. Mas aí, eu curioso a respeito do assunto, comecei a ler, a procurar, viajei para Europa, procurei material sobre lazer. Em 1969, nós fizemos o primeiro congresso do lazer em São Paulo, no Brasil. E eu abri o congresso com uma palestra chamada “As dimensões do Lazer”. lazer. Aí o lazer, nessa palestra, o lazer entrou nos jornais, a palavra lazer entrou nos jornais, não existia, isso em 1969 - outubro de 69. O SESC, a Secretaria Municipal do Estar Social. E então nós também falamos, outras pessoas... Falei eu, na abertura, falei sobre lazer, as dimensões do lazer, depois falou uma psicóloga, então foi o primeiro congresso que saiu, e a primeira vez que se falou em lazer no Brasil. Em seguida eu estive na França com o Dumazedier, levei a minha publicação para ele, todo orgulhoso, lógico, tinha um trabalho sobre lazer, foi citado... [palavra inaudível] E ele me mandou uma carta, ele leu, gostou, se interessou muito pela coisa, e em seguida, eu comecei a procurar interessar, porque o SESC de São Paulo é o SESC de São Paulo, não era o SESC nacional, mas eu também comecei a me interessar, e os técnicos do SESC nacional também passaram a se interessar, em divulgar o que nós fazíamos também era lazer, e lazer tinha um sentido social muito grande, e o diretor-geral do SESC no Brasil, que era o Moacir Lopes Meirelles, ele também começou a se interessar e disse “ah não, então vamos fazer um seminário nacional! Vocês fizeram um seminário de São Paulo, então vamos fazer um seminário nacional!” Eu disse “Vamos, mas precisamos chamar um bam-bam-bam internacional chamado Dumazedier Aí eu estive em Paris e eu convidei o Dumazedier . Ele veio fazer a palestra inicial, isso foi em 72, fez a palestra inicial. A palavra lazer não era uma palavra, assim, comum. Tanto é que quando ele chegou aconteceu uma coisa engraçada. Fui esperar ele no aeroporto no Rio, ele chegou e “Dumazedier!”, aquela coisa, nos abraçamos e ficamos esperando a mala dele e a mala

dele não chegava. E ele [palavra inaudível]. E não chegou a mala. [palavra inaudível] Mas foi curioso, porque quando eu estava saindo, nós ficamos até o final, não tinha mais ninguém e nós ficamos esperando lá, [palavra inaudível]. Esse primeiro congresso foi feito em São Paulo em 69, e logo em seguida, no início de 70, eu fui convidado para fazer uma palestra sobre lazer na cidade de Campinas [palavra inaudível]... ele tinha assistido a palestra e tinha gostado. E era prefeito de Campinas, Orestes Quércia, e ela falou com ele sobre o lazer... O lazer sempre é uma coisa importante numa cidade, numa cidade média, numa cidade pequena, em qualquer cidade! E ele também sacou que a coisa também era importante. Então mandou me convidar para fazer uma palestra em Campinas, isso já era 72, - não 72, não,- 70. E aí a palestra foi muito... [palavra inaudível] um capitão do exército que foi assistir a palestra também, e eu fiquei ali perto da recepção, para mais ou menos sacar que tipo de gente estava chegando pra assistir a palestra. Quando ele chegou, todo uniformizado, cheio da onda e essas coisas, e eu vi que ele disse pra moça “É aqui que vai haver uma palestra sobre os raios laser?”. Aí eu espiei e disse “Estou fora, esse cara vai implicar comigo, não vai ouvir falar sobre os raios laser, e sim sobre lazer. No fim, depois da palestra ele veio falar comigo, uma pessoa maravilhosa, simpática e [palavra inaudível]. Então só para te dar uma idéia de como essa coisa, a palavra, que hoje é uma coisa comum, não era do comum, do domínio comum.

C.G. - [palavra inaudível]

R.R. - Muita gente! Foram uma 600 pessoas.

C.G. - E quem eram essas pessoas? Eram profissionais de Educação Física?

R.R. - Foi aberto à todo mundo, mas eram pessoas Todos os profissionais da área de recreação, da área de psicologia, de antropologia, muitos alunos da Faculdade de Estudos Sociais, da Faculdade de Serviço Social, pra quem era assistente social, orientador social, então, muitos profissionais da área do social e da área de esportes. Professores de Educação Física, alunos das escolas de Educação Física, mas não foi, sabe assim, não foi uma coisa assim muito pacífica; foi muito contestada pelas esquerdas. [palavra inaudível] Mas enquanto intelectual, representando uma entidade patronal, ia falar sobre lazer, quanto à promoção, aí atrás tem coisa! O que é esse lazer? Então o lazer não era uma palavra

simpática às esquerdas. O lazer era tido aqui pelas esquerdas brasileiras como um ópio do povo. Assim como a religião era um ópio do povo no início do século, assim foi o lazer no início, quando ele foi lançado aqui. As pessoas sentiam o lazer como uma coisa meio incômoda, talvez numa atitude ambígua com relação ao lazer. E eu também percebi isso. E eu também achei que eu devia forçar a barra com relação ao lazer. Então, a meta foi também de buscar desmistificar... Uma urgência com relação ao lazer... Ou seja, o lazer tem uma função social. Eu saquei isso, a função social do lazer, e eu acho que fui aos poucos neutralizando aquela idiosincrasia que existia em relação ao lazer como uma coisa assim: como falar em lazer em uma sociedade pobre como a sociedade brasileira. Um país pobre, um país dependente, um país com alta porcentagem de desempregados, como falar em lazer? Mas o curioso é que logo em seguida eu fui à Paris, [palavra inaudível] sobre lazer na União Soviética. Porque o lazer também era usado na União Soviética também para encantar os trabalhadores; não digo encantar os trabalhadores, mas para modificar os trabalhadores. Então o lazer também teve isso assim, essas fases, porque ele foi repudiado inicialmente, era uma coisa absolutamente negativa, para abafar ou distrair as classes trabalhadoras; daí passou para, num segundo momento, talvez para ter uma, através da visão social do lazer, para ter uma aceitação relativa. Realmente o lazer, tranquilizava o povo, mesmo aqueles que eram contrários ao estudo da temática do lazer, como uma temática importante na sociologia. Então passaram a aceitar e em seguida, depois de algum tempo, então, não só a função social do lazer, começou a se achar outras funções, começou a ser visto como uma coisa importante na sociedade, na sociedade moderna. Com todos os desdobramentos e suas funções, não só a social, como também uma função econômica inegavelmente séria [palavra inaudível].

C.G. - E qual a relação que se pode fazer entre esses trabalhos... [palavra inaudível]. Como você vê isso, esse trabalho anterior...

R.R. - É, eu acho que quando se começou a falar de lazer, *talvez* a palavra lazer, ela tenha ganhado assim uma especificidade, que a destacava de uma simples recreação, que era uma coisa assim mais ligada à criança. Então, o lazer ganhou outros olhos. Lazer não é uma coisa... Tanto é que você não fala em lazer para criança, você fala em recreação, para criança. Agora lazer pega uma coisa mais para um público adulto. Então ali que me

apareceu a grande diferença, era outro enfoque, de recreação para lazer. O lazer tem um significado social, econômico...

C.G. - [palavra inaudível]

R.R. – Não conhecia, não conhecia. Eu conheci, o primeiro tratou disso foi um autor baiano, Acácio Ferreira. Aquele trabalho dele é interessantíssimo, porque ele fez uma pesquisa séria sobre o assunto. Então foi a primeira pessoa que tratou [palavra inaudível], mas eu acho que não houve uma repercussão maior do trabalho dele, talvez porque na época a coisa não tivesse chamado tanta atenção. Pois ele era um professor, ele não tinha atrás de si uma grande distribuição nacional, e essas coisas você sabe que são importantes. Então a coisa ficou também, uma coisa isolada, o trabalho dele [palavra inaudível], jornais de São Paulo, a grande imprensa de São Paulo, depois a grande imprensa do país todo. Em seguida fizemos um seminário, também pelo fato de ter sido esse seminário patrocinado pelo SESC, depois em São Paulo foi patrocinado pelo SESC do Brasil todo, chamando o Brasil inteiro para participar daquele seminário. Então isso é que deu maior eco para o assunto, sociologicamente falando, do lazer no Brasil. [palavra inaudível] E o SESC no Brasil todo, tem núcleos regionais em todos os estados do Brasil. Ou seja, daquele primeiro seminário nacional do SESC realizado no Rio de Janeiro, então reuniu técnicos do social de todo o Brasil. Foi dentro dessa visão maior. Há um interesse do estudo, pelo SESC, do lazer.

C.G. - E como é que se impulsiona?

R.R. - Bom, eu acho que se a gente não impulsiona, não tem alguém pra impulsionar não vai para frente. Eu procurei... Não demorou muito, eu assumi, em 76, a diretoria regional do SESC em São Paulo. Logicamente o SESC do Brasil era uma coisa importante, mas de todos os regionais, o SESC de São Paulo, pela sustentação econômica, era mais importante, mais peso em cima. E eu fui convidado para assumir *todo* o regional do SESC São Paulo e obviamente eu ia insistir na temática do lazer em São Paulo. Então aí eu consegui, com o regional, criar um centro de estudos sobre lazer, o CELAZER. E sempre preocupado em fazer com que as pessoas estudassem lazer, se desenvolvessem. Eu mandei

gente para o exterior pra estudar sobre lazer. Então, eu tenho a impressão que eu insisti muito nisso.

C.G. – Quem que participava?

R.R. – O Luiz Otávio, mais uma psicóloga que ainda está lá no CELAZER, depois as pessoas foram se renovando.

C.G. - [palavra inaudível]

R.R. – Fui o coordenador de CELAZER. Depois também [palavra inaudível] Então eu tive a oportunidade como diretor regional de incentivar muito o estudo e o desenvolvimento do lazer no Brasil.

C.G. – E em termos de ações, que relatos você pode fazer?

R.R. - Nós fazíamos... O CELAZER tinha um trabalho mais na linha de produção intelectual. Eu mesmo, escrevia muito para o CELAZER. O CELAZER publicava, publicava os cadernos de lazer. Publicou muitos cadernos de lazer. Fui mais dessa linha

[FINAL DA FITA 27/01-A]

R.R. - Começaram a ativar as comunidades, não mais só as comunidades de São Paulo, mas como houve também a possibilidade de eu ter sido convidado por todos os regionais, do Brasil todo, a fazer palestras sobre o lazer. Então eu incitei, acho que em *todos* os estados do Brasil, faziam seminários sobre lazer... Mas sempre pelas palestras sobre lazer que eu fazia. Então isso, patrocinado pelas unidades da Federação do comércio local, pelos sindicatos locais, nas capitais, pelo SESC, pelo fato do SESC ser também em cidades regionais e nos estados, então eles traziam gente para assistir nas capitais. Todas as capitais do Brasil. Foi uma força grande. Muita gente começou a se interessar sobre lazer depois desses, o que é uma coisa assim, de sustentação cultural boa, sociológica, a sociologia do lazer. O lazer ganhou espaço na ciência sociológica, fazia parte da ciência da sociologia. Então isso foi bom pra todos, isso desenvolveu bem, isso foi durante anos e anos assim.

C.G. - [palavra inaudível]

R.R. – Sempre foi. Uma vez por ano. Uma vez por ano ele vinha a São Paulo e fazia seminários conosco, *todos* os técnicos do SESC mais ligados a área do lazer e a área da recreação, área dos esportes... E a gente insistia para que os professores [palavra inaudível] Ativar o interesse para participar do SESC...

C.G. - [palavra inaudível]

R.R. – Não sei te dizer. Eu estou com o Duzamedier , recreação e lazer...

C.G. - [palavra inaudível] a diferenciação entre recreação e lazer?

R.R. – Então é recreação, uma coisa assim mais para infantil, pode ser. Lazer, uma coisa mais adulta, mas isso é meio preconceituoso isso. Eu não vejo muita diferenciação.

C.G. - [palavra inaudível]

R.R. – Eu não vejo, eu acho que é a mesma coisa. Uma criança, que está estudando, ou então está no jardim de infância, isso é *lazer* pra criança!

C.G. – Será que a recreação [palavra inaudível], com alguém a frente...

R.R. – O quê pode ser? Às vezes nas atividades de lazer [palavra inaudível] É uma coisa maravilhosa tu chegar no jardim ou a planta vai florir, é uma coisa tão linda ver isso! Plantar uma mangueira, é uma manga, [palavra inaudível] São coisas que dão uma satisfação tão grande. Eu vejo, por exemplo, algumas pessoas, quando se aposentam entram em depressão... Eu acho que talvez, a gente não pode se dedicar só ao trabalho. Se tem e deve diversificar seus interesses. Só diversificando seus interesses, descobrindo que a vida não é só trabalho... [palavra inaudível]. Trabalho é pra viver não é viver para trabalhar, não é? Depois, logicamente, todo mundo tem que trabalhar, para se manter, para viver, mas eu acho que devem buscar a diversificação. Você trabalha e nunca mais vai ao cinema, vai ao teatro, vai assistir a um concerto. “Ah, mas eu não gosto de concerto!”

Como não gosta? Vai assistir para ver se gosta! Se assistir e gostar pode ser uma iniciação para as atividades de lazer. É uma coisa importante, as pessoas devem ser incentivadas a se iniciarem nas coisas do lazer, mesmo que achem que não gostem, que não vão gostar, mas experimente. Faça, alguma coisa, algum trabalho manual, assista filmes, leia sobre cinema, vá ao teatro, vá a concertos, goste de música popular, tanta coisa para gente gostar no mundo! Goste das pessoas, curta as outras pessoas. Tão bom curtir as pessoas, descobrir novas pessoas?

C.G. - E as pessoas não são preparadas?

R.R. - Não são preparadas! Eu acho que nós devemos preparar as pessoas para isso. [palavra inaudível] Aí eu falei com o presidente do SESC, eu disse olha, eu gostaria de lhe dizer que existem centros, casas exclusivamente para pessoas de idade nos Estados Unidos. Ele disse, você quer conhecer? Eu disse: “quero!” Fui, fiquei um mês só em Nova York, conhecendo esses centros de lazer para idosos. Mas eu acho que nós, em São Paulo, já estamos precisando de uma atenção para as pessoas idosas. Quando eu cheguei aqui, o Centro Social Carlos [palavra inaudível] do Comercio, na época existia o serviço social dos comerciários e ele começou a ir à fila dos aposentados para receber, todo mês, a sua aposentadoria. Então eu disse, que paciência, e ele começou a convidar os aposentados para participar de grupos de idosos, e foi o primeiro grupo de idosos deste país que hoje se chama Carlos [palavra inaudível]. Mas depois desse grupo foram formados centenas de milhares e daí a gente começou a sentir como aquilo era importante para eles, depois desenvolveu-se atividades ali, para os idoso não ficarem um olhando para outro. Ai se liga o lazer aos grupos de idosos.

C.G. - [palavra inaudível]

R.R. – É uma farra... Eu acho talvez mas eu conversei com o Dumazedier sobre isso. Ele até ficava meio irritado. [palavra inaudível] O importante é você ensinar a idéia do lazer para as pessoas, o lazer para as pessoas idosas, o lazer para a pessoa que trabalha – logicamente que deve levar a sério seu trabalho – diversificar seus interesses, para não sentir, assim um vazio, a angústia do vazio. Isso é importante e a pessoa precisa

diversificar sua vida com alguma atividade que lhe dê prazer. E o lazer é uma atividade que dá prazer não é? Isso é importante!

C.G. – E nessa época... . [palavra inaudível]

R.R. – Não, não houve. Houve muita resistência por parte da intelectualidade brasileira com relação ao estudo da temática sociológica do lazer. Obviamente que isso. [palavra inaudível] Dumazedier era um intelectual de esquerda. Um dos mais importantes intelectuais da França, da Europa: o mais importante sociólogo do lazer do mundo. E ele era um homem de esquerda vem falar sobre lazer, escreve sobre lazer, então a coisa foi amortecendo, porque aqui a intelectualidade nacional sempre foi muito a reboque. Aqui nada se cria, tudo se copia. É verdade, é isso! Então, ele não se deu muito com isso, muito. Eu dizia: “Dumazedier, o problema aqui é a resistência ao sentido do lazer”. Pois ele até falava no lazer dos desempregados. O lazer dos desempregados é uma coisa importante. [palavra inaudível]. O Cônsul da França nos convidou para... Fomos almoçar no Consulado, na Paulista, e o Fernando Henrique também, evidentemente, não tinha lá uma posição, assim, muito simpática... [palavra inaudível] do qual pertenceu um sociólogo que foi meu assistente no SESC, meu amigo que também era assistente... No lazer as pessoas guardam essas atitudes preconceituosas que nem elas mesmas sabem identificar a razão. Na saída o Dumazedier disse... [palavra inaudível] Mas essas são pechas, assim, para você ver como não foi fácil. Houve, num primeiro momento uma reação muito desfavorável ao estudo lazer, mas *muito* desfavorável: “que absurdo falar em lazer num país pobre, as pessoas precisando de trabalho”. O que *também* escondia um preconceito porque o *pobre* não pode ter lazer? Aí eu me ligava às vezes: criávamos, por exemplo, atividades de tênis para os trabalhadores do comércio e os trabalhadores do comércio gostavam de jogar tênis. Por que só a elite gosta de jogar tênis? [palavra inaudível] A minha tese que eu acho que é correta: o que é bom precisa ser respeitado. [palavra inaudível] Acarpetado para as pessoas, não jogavam cigarro pelo chão. O belo provoca respeito e admiração. O melhor que existia nesse país. Nunca houve isso aqui de estragar...

C.G. - [palavra inaudível]

R.R. – Foi enquato eu trabalhei. Depois que eu saí do SESC fui para Nova York. Fui como professor convidado da New York University e isso foi muito interessante, havia pessoas muito interessadas na sociologia do lazer. [palavra inaudível] o lazer como uma coisa importantíssima... E fiquei lá um ano, fiz seminários... Depois voltei para cá, aí eu fui ser o superintendente da LBA em São Paulo; em 86 eu fui para a LBA e insisti também no lazer. Mais aí eu insisti na área de gerontologia social, setenta e dois centros de convivência de idosos... [palavra inaudível] Nós fizemos a Pompéia. Depois eu convidei a [palavra inaudível] para restaurar o casarão e ela restaurou. [palavra inaudível] Depois a mulher do governador, a mulher dele tinha trabalhado na LBA como voluntária, então era a nossa primeira dama. E a primeira dama de São Paulo era a presidente do Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo e ela antes de assumir... [palavra inaudível]

C.G. - [palavra inaudível] Você chegou a ser presidente de associações, etc?

R.R. Fui. “World Leisure Association”, Associação Mundial de Lazer – Nova Iorque. Fui da Associação Internacional de Sociologia. Fernando Henrique era presidente e eu era membro da sessão da Sociologia do Lazer. Fui presidente da ALATIR – Associação Latino-Americana de Recreação e Lazer.

C.G. – Tem mais alguma coisa que você lembra?

R.R. – É bom você ir falando que eu me lembro também.

[FINAL DO DEPOIMENTO]